

DONA EDITH DO PRATO, SAMBADEIRA E EDUCADORA POPULAR DO RECÔNCAVO BAIANO¹

Bruna Karine Santos da Costa²

RESUMO

Este artigo é um estudo de trajetória e memória de uma personalidade do samba de roda do recôncavo baiano e educadora popular santo-amarense Edith Oliveira Nogueira, mais conhecida como Dona Edith do Prato. A pesquisa coletou algumas entrevistas com familiares e amigos, bem como reuniu documentos escritos, periódicos, objetos e fotografias, com vistas a discutir a importância dessa musicista e cantora do recôncavo como educadora popular e mantenedora do samba de roda. O aporte teórico que fundamentou esta pesquisa, se concentra no campo da história da educação e da história social do samba, da história oral e nos estudos sobre a memória e autobiografia, todos eles destacam a história de vida do ponto de vista de quem a viveu de acordo com suas recordações. O trabalho com memória é algo importante, no sentido de que se existe memória, logo existe também uma história por parte do indivíduo que relembra, associado a uma determinada cultura ou período histórico. A pesquisa conclui que Dona Edith do Prato, além de artista, foi uma educadora popular que formou e influenciou várias gerações no recôncavo baiano, além de trabalhar pela manutenção e preservação de uma das suas tradições culturais mais relevantes.

Palavras-chave: cultura afro-brasileira; Dona Edith, do Prato - biografia; educação não-formal - Santo Amaro (BA); história oral - Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This article is a study of the trajectory and memory of a samba de roda personality from Recôncavo Bahia and popular educator from Santo Amaro Edith Oliveira Nogueira, better known as Dona Edith do Prato. The research collected some interviews with family and friends, as well as gathered written documents, periodicals, objects and photographs, with a view to discussing the importance of this musician and singer from Recôncavo as a popular educator and supporter of samba de roda. The theoretical contribution that founded this research focuses on the field of the history of education and the social history of samba, oral history and studies on memory and autobiography, all of which highlight the story of life from the point of view of those who lived it. according to your memories. Working with memory is important, in the sense that if there is memory, then there is also a history on the part of the individual who remembers, associated with a certain culture or historical period. The research concludes that Dona Edith do Prato, in addition to being an artist, was a popular educator who trained and influenced several generations in the Recôncavo of Bahia, in addition to working for the maintenance and preservation of one of its most relevant cultural traditions.

Keywords: Afro-Brazilian culture; Dona Edith, do Prato - biography; non-formal education - Santo Amaro (BA); oral history - Santo Amaro (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado a Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

² Bacharela em Humanidades e graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca discutir as Bambas do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, como educadoras populares, mulheres negras guardiãs dessa tradição na Bahia, em especial *Dona Edith do Prato* (1916 – 2009), uma dessas matriarcas santamarenses do samba de roda da Bahia. Essa manifestação cultural é o protótipo do samba rural e especialmente do samba baiano. “Chamado de ‘samba de viola’, ‘samba chula’, ‘samba de parada’, samba partido-alto’, ‘samba santo-amarense, ‘samba amarrado” entre outras denominações, conforme o aspecto que apresente, ele é considerado a pedra angular do grande edifício do samba brasileiro (Lopes, Simas, 2021, p. 264).

Forma ancestral, da qual sua expressão posterior, o samba urbano praticado no Rio de Janeiro, no início do século XX, guardou seus passos fundamentais e distintivos como coreografia. Tal expressão, se caracteriza por ser dançada preferencialmente nos quintais ou ao ar livre, “no qual o dançante requebra e saracoteia sozinho, enquanto os demais se incumbem do canto (alternando frases de solo e coro) e da execução dos instrumentos (prato e faca, pandeiro, ganzá etc.)” (Lopes, Simas, 2021, p. 263). Nele, os participantes dançam, separados, um homem e uma mulher, os quais convidam, cada um, a uma pessoa do mesmo sexo, para lhe substituir na dança. “O convite para entrar na roda evoca a umbigada característica das danças de roda de matriz africana; mas é apenas uma espécie de reverência diante da pessoa escolhida, seguida de um toque de perna contra perna” (Carneiro, 1982, p. 84).

Trata-se de um estudo de trajetória de vida que articula entrevistas com parentes e moradores da cidade de Santo Amaro - Bahia, que conviveram com Dona Edith do Prato desde a infância, com a coleta documental em arquivo particular do município, que abriga um acervo de objetos, documentos escritos, periódicos e roupas da personagem.

O aporte teórico que fundamentou esta pesquisa, se concentra no campo da história oral, nos estudos sobre a memória³ e na autobiografia⁴, todos eles destacam a história de vida do ponto de vista de quem a viveu de acordo com suas recordações. O trabalho com memória é algo importante, no sentido de que se existe memória, logo existe também uma história por parte do indivíduo que relembra, associado a uma determinada cultura ou período histórico.

³ Os autores que foram destacados para o estudo sobre a memória são: Alberti (2004a, 2004b), Bosi (1987), Nora (1993), Ferreira; Amado (1996), Thompson (1992), Sarlo (1995), Halbwachs (2006), Worcman; Perreira (2006), Souza; Lima (2022).

⁴ Sobre o tema das autobiografias destaco: Souza (2004, 2006a, 2006b, 2007), Delgado (2010), Ferreira; Fernandes; Alberti (2000)

Segundo Souza (2007), a memória e a história de vida não estão apenas relacionadas a subjetividade do indivíduo selecionado para a pesquisa, para além dele existem fatores históricos e culturais que envolvem essa trajetória, relatada através do ponto de vista de quem a vivenciou, a memória está associada ao esquecimento no sentido de que, se esquecemos algo a qualquer momento pode vir a memória a partir de alguma referência ou um objeto histórico, como é citado por Benedetti (2022), que destaca como as construções antigas podem ajudar a completar algumas falhas da memória, logo por meio do diálogo com uma pessoa que viveu uma certa trajetória de vida, podemos fazer com que esse indivíduo possa recordar momentos históricos de sua vida, que até então estavam esquecidos, promovendo assim uma reflexão e autorreflexão sobre sua história de vida.

O esquecimento, “em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” mas o fato do indivíduo recordar acontecimentos de sua vida, não é a garantia que o entrevistador saberá de tudo, o sujeito pode filtrar algumas informações e decidir falar ou não, “ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida”, sendo assim, o entrevistado é o protagonista principal de sua história (Souza, 2007, p. 67).

A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva das apropriações das experiências vividas, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concedem ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. Nesse sentido, a perspectiva da história oral, destaca a importância da escuta sensível de vozes que até então foram silenciadas, destacando que ela não deve ser entendida como um artefato de retirar “verdades”, mas podendo ser um meio de acesso a diversas linguagens da subjetividade do ser entrevistado, levando em conta o seu contexto histórico, social e cultural (Souza; Lima, 2022, p. 146).

O texto do artigo está dividido em três partes, a primeira faz considerações acerca dessas mulheres do samba de roda como mantenedoras de um patrimônio cultural do recôncavo baiano. A segunda seção, aborda a trajetória de vida de Dona Edith do Prato, e a última parte apresenta os depoimentos de pessoas que com ela conviveram.

2 AS MULHERES SAMBADEIRAS DO RECÔNCAVO

O samba de roda, talvez seja, uma das expressões mais relevantes da cultura e da musicalidade do Recôncavo, sua prática é a celebração de ancestralidades africanas na Bahia.

Desde 2005, ele foi reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade, uma invenção cultural afro-diaspórica que se desenvolveu pela liderança das mulheres pretas do recôncavo. Ele tem suas raízes ancestrais no continente africano, todavia, foi nos quintais das tias baianas que ele nasceu e se criou, este ponto é significativo como aponta Katharina Döring (2019, p. 17-18)

um marco importante no país com histórico de políticas e discussões racistas que procuravam omitir, diminuir e/ou embranquecer as participações e criações negras na construção sociocultural, estética e política. Porém, o debate sobre as expressões e reivindicações negras no contexto do patrimônio material, se diluíram na recepção e percepção de diversos autores, até mesmo na Bahia que ostenta uma imagem diversificada e negro-mestiça, pelo menos nas aparências.

Numerosas foram as mulheres pretas que se destacaram como matriarcas dessa ancestralidade, na qual a chamada mulher "*de cor*" garantia o sustento se sua prole, graças a sua astúcia e capacidade comercial, desde as escravas de ganho e alforriadas, que com seus tabuleiros ganharam poder e prestígio nas cidades do recôncavo baiano. Tia Ciata, é um dos exemplos mais emblemáticos do protagonismo feminino no nascimento das rodas de samba do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Ela nasceu na cidade de Santo Amaro na Bahia em 1854, e se consolidou em uma das figuras mais importantes do nascimento do samba carioca.

Essa arte dos quintais santo-amarenses e de outras cidades da região, se converteu em um instrumento poderoso de congregação de homens e mulheres descendentes de escravizados como uma grande família étnica com a primazia da feminilidade que se opunha aos moldes burgueses da sociedade fabril. E é a força desses quintais que chegou ao Rio de Janeiro na diáspora baiana à capital da Primeira República, células *de* mulheres e famílias baianas em busca de melhores condições de vida.

O fato é que no Rio de Janeiro, as tias baianas foram mulheres notáveis que fizeram história e se eternizaram na memória popular. Com o passar das décadas, o samba carioca se estilizou e cristalizou-se como ritmo nacional. Mas, são ainda nos quintais baianos que a memória de Ciata, Perciliana e outras tias e mães ainda ecoam de modo mais original, locais de continuidade do samba sem tirar os pés do chão e também a ideia de filiação étnica das rodas (Velloso, 1990).

De origem pobre, nas periferias do Recôncavo Baiano brotam mulheres negras guerreiras e sambadeiras que vivem do sustento que o massapê, mangues e rios provêm, meninas que aprenderam desde cedo a lutar por suas vidas e resistir sem perder a alegria de

viver. Diante de um contexto social marcado pelo patriarcalismo, pelo racismo e a desigualdade social. O povo simples encontrou nas devoções populares momentos para celebrar, sejam nas trezenas de Santo Antônio que Edith do Prato tanto rezou e festejou; nos carurus de São Cosme e São Damião e Santa Bárbara; nos reisados e festa de Caboclos, enfim, todos esses eventos eram sempre oportunidades para uma boa roda de samba (Döring, 2019).

Foi em meio a estas celebrações que a dança e a música resistiram, criando o legado das sambadeiras, como mestras desses saberes e suas pedagogias populares. Entre essas figuras notáveis destacam-se, Dona Nicinha do Samba (falecida em 2022), era um baluarte da cultura de Santo Amaro, apontada o estudo de Katharina Döring:

Nora de Popó, o famoso condutor de trole em Santo Amaro que resgatou e imortalizou o maculelê, Maria Eunice Luz ou simplesmente Nicinha, conta que o samba-de-roda foi ganhando espaço aos poucos no grupo *Maculelê e Samba de Roda de Santo Amaro*, que já existe há décadas, com diferentes nomes. ‘Era só um sambinha depois do maculelê. Aí a professora Maria Mutti teve ideia de fazermos um grupo de samba’. O grupo cresceu e hoje ‘já tem 30, mas deveria ser só 15 pessoas. Se for fazer vontade, Santo Amaro toda é do grupo’, conta ela. Um dos grandes atrativos é que em 1982 começaram as viagens internacionais que já nos levaram aos Estados Unidos, África e vários países da Europa. Segundo ela, no recôncavo, todos já nascem sambando: ‘Os mais velhos não param pra ensinar vem do sangue’ (Mariano *apud* Döring, 2019, p. 31-32).

Outras notáveis como Dona Dalva da cidade vizinha (Cachoeira), Dona Rita da Barquinha (Bom Jesus), Dona Zelita (Saubara), compartilham histórias parecidas, marcadas pela pobreza, pelo preconceito racial e religioso, mas graças a arte das sambadeiras e a variedade de expressões musicais e corporais característicos do samba, se converteram em matriarcas dessa sabedoria e arte popular, foram imortalizadas pela expressão e o caráter encantador do ritmo. No samba de roda, percebe-se a participação ativa das mulheres, “personalidades fortes, que não temem se posicionar e tomar a palavra no meio dos sambadores, o que indica que se manteve, em boa parte, o sentido comunitário do samba de roda e um lugar de destaque para as mulheres negras (Döring 2019, p. 24).

Fala-se muito do poder da mulher na roda, e cada uma delas carrega consigo ritmos diversos e modos diversos de se expressar, são espelhos e reflexos da arte de sambar. Há inúmeras modalidades e possibilidades do samba, nas rodas o passo mais tradicional é o “*miudinho*”, consiste em um leve tocar dos pés ao chão que pode ser acompanhado pelas palmas e cantos, o canto se desdobra e o corpo se expressa; o famoso samba corrido que encanta com seus passos lentos e harmônicos; e o Samba Chula com suas violas que ecoam sons vibrantes (Yuhim *apud* Döring, 2019).

Independente do modo que se canta ou se dança, homens e mulheres congregam-se em círculos ou semicírculos e celebram suas raízes culturais, em meio ao som dos atabaques; pandeiros; ou simples palmas nas mãos, bailam como entidades com o poder de repercutir e transformar um prato e uma faca em instrumento musical. Quando proibiram os tambores foi graças à força comunitária liderada pelas mulheres que o povo resistiu, protegidos pela barra das saias rodadas das tias, torços e xitas; matriarcas de um povo sofredor que mesmo diante da repressão protegeram e salvaguardaram para as gerações futuras essa herança cultural e étnica.

O samba-diálogo entre a poesia, o som e o corpo, representa um campo profundo de conhecimentos e experiências vividas ao longo dos séculos, que significa muito mais que um corpo feminino sedutor num momento de paquera, porque relata a experiência negra na diáspora Africana, tanto nos corpos masculinos como femininos. E ainda testemunha a expressão singular de uma musicalidade corporificada no coletivo que não segue uma lógica musical reducionista (música = instrumento/ partitura/ sala de concerto) (Döring, 2019, p. 27-28).

No dia 25 de Novembro de 2005, o Samba de Roda do Recôncavo foi proclamado pela Unesco *Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade*, além de outras medidas de salvaguarda e elaboração de planos de conservação dos saberes, como a criação de Associações e um Conselho que reunisse todos sambadores e sambadeiras da Bahia, símbolos que pretendem conscientizar a população do eminente risco de desaparecimento do ritmo tradicional, haja vista a escassez de violeiros, cantadores e o desinteresse da frenética sociedade (IPHAN, 2006). A Casa do Samba em Santo Amaro que serviu de moradia à Dona Nicinha e sua família, é um marco de conversão de um Solar do Conde Subaé, outrora governado pela aristocracia escravagista, todavia, atualmente, passados mais de uma década de sua implantação, o histórico prédio reformado pelo IPHAN, no *Programa Monumenta* e entregue aos sambadores no ano 2007, se encontra atualmente em processo rápido de arruinamento (Döring, 2019, p. 32).

O descaso das autoridades municipais com a Casa do Samba de Santo Amaro é um desprezo oficial com a memória do samba de roda e seus praticantes, em especial as tias baianas que saíram daqui e levaram essa arte aos quatro cantos do país e do mundo. É um exemplo triste de como os poderes públicos ainda lidam com nosso patrimônio cultural material e imaterial do país.

O legado deixado por essas mestras do samba de roda do recôncavo baiano, como Dona Edith do Prato; Nicinha; Dona Dalva Damiana; Perciliana; Tia Ciata; Dona Zelita e tantas outras, está ameaçado, a decadência econômica da região e o desleixo para com as tradições locais, criam uma mentalidade nas gerações mais novas, de que o samba de roda é uma prática

ultrapassada de costumes dos mais velhos, esse desconhecimento que ignora o passado dessas mulheres como precursoras de outros ritmos nacionais e criadoras de expressões culturais próprias do país (Döring, 2019).

3 DONA EDITH DO PRATO

Quando se pensa em memórias, logo imagina-se algo que já foi vivido. A produção historiográfica que opera o discurso da memória, torna-se uma espécie de elo entre as gerações com a finalidade de materializar as lembranças, para salvaguardar uma memória de vida que precisa ser escrita para existir como história, sendo um fato que precisa ser preservado, como cita Pierre Nora (1993, p.24)

Na mistura, é a memória que dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque, não sendo mistos de memória e história, mas os instrumentos, por excelência, da memória em história, permitem delimitar nitidamente o domínio.

É através desta reflexão que mergulharemos na história de vida da cantora e percussionista brasileira, nascida no Recôncavo Baiano, e intitulada como Dona Edith do Prato. Edith Oliveira Nogueira, nascida em 18 de dezembro de 1916, filha de Domingos Oliveira e Glaciliana Souza Oliveira, irmã de seis irmãos, Edgar, Elísio, Elza, Eunice, Maria José e Eulina. Foi casada com Oscar Viana Nogueira, teve dois filhos biológicos, Carlos Augusto e Luciano José, fora mãe de leite do cantor e compositor Caetano Veloso e teve duas netas.

Antes de consagrar-se como Dama do Samba, a talentosa Dona Edith do Prato era conhecida na cidade de Santo Amaro-Bahia como Edith Sambuio, apelido herdado de seu pai, que além de cabeleireiro era pescador, e o apelido *Sambuio* é devido ao nome de um peixe muito comum nas águas da Baía de Todos os Santos. Era, até antes da fama, funcionária pública do governo do Estado da Bahia, na qual se aposentou por tempo no cargo como servente em duas escolas estaduais no município.

Desde criança, gostava de cantigas e de participar das rodas de samba, com suas irmãs e primas, essas influências foram cultivadas da herança das religiões de matriz africana. Dona Edith teve forte ligação religiosa e cultural com o catolicismo, o candomblé e o samba de roda.

Ainda jovem, aprendeu a tocar prato com um talher em uma cuia de queijo tipo reino, repercutindo sons próprios dos costumes locais.⁵

Como a filha mais ilustre de *Sambuio*, foi criada na Avenida Viana Bandeira e na famosa Rua do Amparo, um lugar da cidade que até hoje, mantém as características do seu tempo de menina, com seus jardins, árvores e cercada da vizinhança que a conhecia e a admirava. Entre seus vizinhos, figuravam a família Velloso de José Teles Velloso, seu Zezinho e Claudionor Viana Teles Velloso, a conhecida como dona Canô e a família Oliveira de Dona Edith, que são consideradas no município como uma só, unidos pela criação e vida.

Figura 1 - Dona Edith do Prato



Fonte: Acervo imagético do Jornal *A Vida* – Salvador, publicado em 10 de janeiro de 2009.

A Rua do Amparo é uma referência afetiva entre seus moradores, pois os vizinhos mantiveram vínculos entre si, estabelecendo uma ligação muito próxima e de boa convivência, segundo os entrevistados Raimundo Arthur e Rodrigo Velloso as famílias que moraram na Rua do Amparo todos os dias se reuniam sentados, cada um, em suas portas admirando quem

⁵ Localizei tais informações em um Manuscrito encontrado no Centro Referencial de Santo Amaro com o título *Santamarenses Notáveis I* (Edição bibliófilo) – Um documento que busca ordenar cronologicamente personagens da cidade de Santo Amaro, bem como de figuras marcantes no cenário regional, estadual e nacional - 2010.

passava e conversando, olhando as crianças que brincavam nos passeios, em uma época que, todas as crianças tinham os mais velhos como parentes.

A religião sempre esteve presente na sua vida de Dona Edith, era católica fervorosa, rezava a trezena de Santo Antônio em sua casa com familiares e amigos, acompanhava as missas católicas, especialmente no período da Festa de Nossa Senhora da Purificação, a Rainha do Recôncavo, que tem início no fim de janeiro e vai até dia 02 de fevereiro, marcada por novenas e manifestações culturais: o samba de roda, a capoeira, e a tradicional lavagem das escadarias da Igreja Matriz com a presença das baianas, água benta e banho de ervas, tudo como manda a tradição afro-baiana.

A partir da sua vivência cultural dos ritos e crenças dos povos africanos e do sincretismo religioso brasileiro, o candomblé também estava presente no quintal da casa de Edith Sambuio, era realizado através de sessões com o caboclo “Sultão das Matas” e a “Orixá Janaina”, como eram chamadas as divindades, que realizavam atendimentos para as pessoas que moravam na cidade e pessoas de outras regiões, no sentido ajuda e conforto às demandas e necessidades temporais da sua clientela, seja por meio de aconselhamentos, indicação de banhos, defumações, oferendas, tudo que pudesse ajudar na resolução de algum problema cotidianos ou espiritual. Uma vez no ano, era realizada a festa do caboclo e da orixá, as celebrações eram realizadas, como forma de agradecimento pelas caridades alcançadas.⁶

Figura 2 - Rua do Amparo - Santo Amaro - Bahia



Fonte: Arquivo particular de Bruna Karine Santos da Costa

⁶ Informações retiradas da entrevista Rodrigo Velloso, o irmão mais velho da família.

O samba de roda e demais manifestações culturais aconteciam na atmosfera da mais intensa mestiçagem, um mistura de elementos diversos que marcam a cultura popular do recôncavo, a roda de samba estava presente, pois a mesma cantava e tocava, as notas eram tiradas através dos utensílios domésticos, o prato e a faca, utilizados também para realizar as refeições, mas, através de suas mãos, estes objetos se convertem em instrumentos musicais que consistia no toque ritmado da faca de inox na borda da frente do prato, tirando sons que embalava as cantorias.

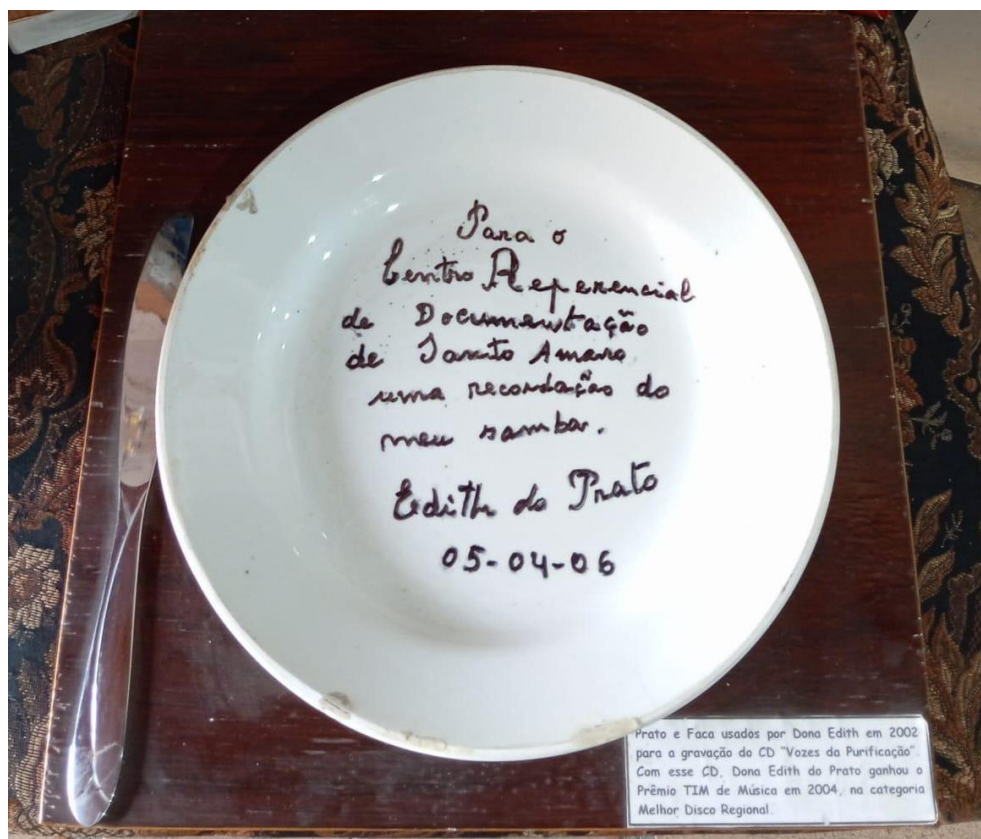
O prato e a faca como instrumentos musicais, ganharam popularidade através das mãos de Dona Edith, todavia anteriormente estes utensílios já eram utilizados nas rodas de samba no interior da Bahia, nas festividades que celebravam os Ibejis, sincretizado no caruru de Cosme e Damião, destinado aos santos gêmeos da tradição católica e popular.

Em seu livro *Relicário Popular* a professora e historiadora da cidade Zilda Paim⁷, cita outras notáveis tias santamarenses "lembradas pelo seu rebolado". De fato, o samba como os negros chamavam a umbigada está na gênese do que poderíamos chamar de baianidade. Nesse sentido, a trajetória de vida de Edith Sambuio está organicamente ligada à cidade de Santo Amaro que se conserva essa prática muito antiga de se utilizar um prato de louça e uma faca como instrumento musical (Paim, 1999, p. 56).⁸

⁷ Zilda Paim é uma autora santamarense que publicou livros que contam sobre a história, a política, os personagens e as manifestações culturais do Recôncavo Baiano. Pude apurar que suas publicações foram "Isto É Santo Amaro" e "Relicário Popular". A primeira não foi localizada, porém, a segunda, foi possível ter acesso à um exemplar no Centro Referencial de Santo Amaro, um acervo particular, que guarda uma diversidade de documentos e registros da cidade e seus habitantes, que presta um serviço gratuito de atendimento à estudantes e pesquisadores.

⁸ Além do trabalho de Zilda Paim, localizei também no Centro Referencial de Santo Amaro o manuscrito "Santamarenses Notáveis I" - uma espécie de inventário de personagens da cidade que tiveram relevância no cenário regional, estadual e nacional. O texto foi organizado por: Lauro César de Oliveira Freitas, com edição e diagramação de Ana Rosa Daltro de Castro Freitas e colaboração do Professor Raimundo Artur Martins Souza, pesquisador e historiador, que dedica seu tempo às atividades relacionadas ao Centro Referencial de Santo Amaro.

Figura 3 - Instrumentos musicais de Dona Edith do Prato



Fonte: Objetos fotografados no Centro Referencial de Santo Amaro.

Seu despertar artístico e dom para o samba eram inicialmente conhecidos apenas pelos amigos e vizinhos, até que sua primeira aparição pública foi no aniversário da professora Maria Mutti, diretora emérita do Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro (NICSA)⁹ marcando oficialmente o início da carreira de Dona Edith do Prato. Sua estreia artística fora de Santo Amaro, ocorreu na década de 1970, em Feira de Santana, quando participou de um espetáculo teatral ao lado do cantor e compositor Roberto Mendes, um pesquisador do samba de roda do recôncavo.

Dona Edith do Prato fez sua estreia nacional em 1973, participando do álbum "Araçá Azul" de Caetano Veloso, interpretando o samba "Viola Meu Bem". Sua voz aguda e seu ritmo musical peculiar, despertaram a curiosidade do Brasil, contribuindo para o sucesso do disco. Ao longo dos anos, participou de gravações e shows de artistas como Maria Bethânia, Roberto Mendes, Caetano Veloso, Mariene de Castro, Gilberto Gil, Gal Costa e Raimundo Sodré, marcando presença especialmente em Festas da Purificação em Santo Amaro e em outras

⁹ O Núcleo de Incentivo à Cultura de Santo Amaro (NICSA) está voltado à promoção de ações de saúde e cultura. Faz parte da Fundação José Silveira, uma instituição filantrópica que atua em causas humanitárias no município.

diversas cidades brasileiras. Sua contribuição musical ampliou-se, tornando-a uma figura influente no cenário artístico.

A trajetória de Dona Edith do Prato atingiu seu auge com a gravação do CD "Dona Edith do Prato e Vozes da Purificação", aos 87 anos, quando aconteceu a gravação, edição e distribuição de suas mídias sonoras, os sambas-de-roda de domínio público com as canções "Eu vim aqui", "Quem pode mais", "Marinheiro só", "Ariri vaqueiro", "Santo Amaro ê ê", e "Minha Senhora" ganhando destaque no Brasil, devido o seu ritmo contagiante e sua voz forte, marcando seu nome na tradição do samba de roda.

A iniciativa de Dona Edith do Prato e Vozes da Purificação levou ao lançamento pelo selo "Quitanda", realizado por Maria Bethânia, na produção do DVD em 2003, no Teatro do Itaú Cultural, em São Paulo. Em 2004, conquistou o *Prêmio Tim de Música*, na categoria de excelência em disco regional, solidificando sua trajetória artística.

Há um ditado que diz que quem da água de Santo Amaro bebe garante muitos anos de vida, coincidência ou não, Dona Edith do Prato teve uma trajetória longa. Segundo o produtor, escritor e crítico musical Hermínio Bello de Carvalho, que escreveu o texto do encarte do disco *Dona Edith do Prato - Vozes da Purificação*, registra que Edith é "uma espécie de cartão postal sonoro da Bahia", chegou perto dos 100 anos. Seus últimos anos de vida, já debilitada pelo peso da idade e a fragilidade da saúde, obrigou-a a se distanciar dos palcos, permaneceu ainda como mestra educadora popular e religiosa.¹⁰

O dia 9 de janeiro 2009 ficou marcado na história cultural da Bahia, aos 94 anos faleceu em Salvador - Bahia Dona Edith do Prato local onde ficou internada depois de sofrer Acidente Vascular Cerebral, logo após testemunhar o tombamento do samba de roda como patrimônio da humanidade, retornou para o transcendente fazendo silenciar sua música e sua voz. Sua morte comoveu o Recôncavo e a Bahia, os muitos sambadores e sambadeiras aprendizes de Edith, como a cantora Mariene de Castro declarou: "A Bahia perdeu uma de suas divas. Era um tesouro do samba. Me ensinou muito inclusive a tocar prato". A intérprete Maria Bethânia afirmou "que aprendeu o samba de roda com ela". Caetano Veloso seu filho de leite afirma que "a perda foi muito grande, de toda a história do recôncavo. Por sua vez, o cantor e compositor Roberto Mendes descreveu a "forte pancada" em Santo Amaro.¹¹

Dona Edith e seu prato foram eternizados pela história e pela memória de várias gerações, ao som de "Vida, meu bem", cantada pelo grupo musical do Núcleo de Incentivo à

¹⁰ Texto disponível no site: <https://caetanoendetalle.blogspot.com/2015/11/2002-minha-senhora-how-beautiful.html?m=1>. Acessado em 30 de outubro 2023.

¹¹ Primeira página do Caderno 2, caderno de Cultura do Jornal A Tarde - Salvador, Bahia, Sábado, de janeiro de 2009.

Cultura de Santo Amaro (Nicsa) e as senhoras do Vozes da Purificação foi sepultado seu corpo, mas jamais sua arte, ensinamentos e beleza de alma se mantém vivos na memória dos santamarenses

A dama do Samba de Roda é recordada diariamente, pelo seu legado, especialmente em Santo Amaro, onde recebeu uma homenagem oficial do município nos festejos populares da Festa de Nossa Senhora da Purificação de 2010.¹²

O memorial dedicado à Dona Edith do Prato foi uma evidência concreta de sua presença e relevância na cultura do Samba do Recôncavo, situado na Praça da Purificação e devido à ação dos legisladores locais para perpetuar a significativa personalidade desta musa do samba baiano. No período de funcionamento, o memorial recebia visitantes proveniente de distintas regiões do Brasil e do mundo, oferecendo uma imersão na narrativa do samba de roda e na jornada dessa mulher que deu a voz, em inúmeros sambas e cânticos folclóricos disseminando sua valiosa herança cultural. Com a última reforma do prédio da Câmara Municipal e Cadeia, no qual era localizado, o memorial foi retirado do projeto e a coleção e seu acervo documental ficaram indisponíveis para pesquisas.

4 DEPOIMENTOS SOBRE DONA EDITH DO PRATO

Descrita como “inesquecível”, “engraçada” e “desbocada”, Edith Sambuio com certeza marcou a vida de Rodrigo Velloso, irmão mais velho dos cantores e compositores Caetano Veloso e Maria Bethânia. Como irmão de criação de Nicinha, irmã biológica de Dona Edith do Prato, ele cresceu ouvindo os batuques das festas do “Sultão das Matas” e “Janaína” celebrados no quintal de sua “parenta” e “vizinha” na rua do Amparo. Conviveram desde a infância como uma única família, o fato é que quando Edgar, um dos irmãos de Edith foi acometido de tuberculose, Eunice (Nicinha, falecida em 27/10/2011) ainda pequena, precisou isolar-se de seu irmão ficando sob os cuidados de Dona Canô e seu Zezinho Velloso os pais de Maria Bethânia, Caetano Veloso e Rodrigo Velloso.¹³

Sobre a família Velloso é importante destacar o prestígio cultural e intelectual que gozam na cidade e em todo o país, mas antes da fama, já eram muito conhecidos na cidade, pelo

¹² A festa de Nossa Purificação da Purificação é uma festa religiosa e profana que acontece há mais de trezentos anos, incluindo a lavagem das escadarias e do adro da igreja Matriz pelas baianas com suas águas de cheiro no último domingo de janeiro e a procissão no dia 02 de fevereiro.

¹³ O cantor e compositor Caetano Veloso, artisticamente usa apenas um “L” no seu sobrenome.

modo irreverente e livre dos filhos do casal Canô e Zezinho que destoavam das concepções da época, tendo Nicinha, a primogênita de criação, já que biologicamente era filha do casal Sambuio. Foi nessa atmosfera fraterna e livre que surgiram dois dos maiores expoentes da Música Popular Brasileira, o cantor e compositor Caetano Veloso e a intérprete Maria Bethânia, irmãos no sangue e na arte, irmãos de uma mesma mestra do samba: Edith do Prato.

Em suas memórias, Rodrigo Velloso afirma que quando criança sentia medo quando o “Sultão das Matas” incorporava em Edith, a sua voz engrossava, estava armada de facão e uma garrafa de cachaça, “*ela não bebia, apenas quando estava incorporada*”, mas, encantava-se quando a mesma estava com a Janaína, ao soltar seus longos cabelos, a dançar e cantarolar. “*A casa vivia cheia nas festas, mal poderia transitar pelo corredor, e as consultas aconteciam nas terças-feiras*”.¹⁴

Ao ser questionado sobre a religiosidade de Dona Edith, Rodrigo Velloso afirma que não sabia distinguir se era Candomblé ou Umbanda, mas destaca que era de Caboclos, relembra ainda que, durante os festejos em honra da Nossa Senhora da Purificação, Sambuio participava de todos os nove dias da novena, o que reforça a dupla pertença como elemento essencial para compreensão da personalidade cultural da matriarca.

Essa religiosidade de Dona Edith do Prato atraía muitos curiosos, bem como o medo compartilhado de algumas crianças, como relata Caetano Veloso em um trecho do documentário *Fevereiro*: “*tinha medo, seu rosto mudava eu a conhecia sorridente, mas quando incorporava o Sultão sua expressão era outra*”.¹⁵ O professor/historiador Raimundo Artur, que também foi morador da Rua do Amparo, conta que quando criança sentia o mesmo temor, mas todos os anos, estavam presentes nas festas na casa nº 123, da Rua do Amparo. O grande caruru acontecia no mês de julho, quando se celebrava também a festa dos Caboclos, após o caruru como de costume na época, tinha início o samba, sobre isso Raimundo Arthur lamenta a diminuição de carurus nas residências de Santo Amaro e conseqüentemente das rodas de samba: “*hoje você não vê muito samba, mais nos distritos*”.¹⁶

Foi no quintal da casa de Dona Edith do Prato, em Santo Amaro, que ainda criança, a filha do casal Dona Canô e Zezinho Velloso, Mabel Velloso “espiava” o samba: “*me lembro*

¹⁴ Rodrigo Velloso, foi um dos entrevistados para esta pesquisa, no dia 19 de setembro de 2023.

¹⁵ *Fevereiro*. Marcio Debellian · Documentário. 2017 · 1h 15min. 12+. HD. VP. O filme foi responsável por registrar a vitória da escola de samba carioca Estação Primeira de Mangueira em 2016, que teve um enredo homenageando a cantora baiana Maria Bethânia. Além de filmar a escola e os preparativos do barracão, a produção ainda acompanhou a cantora nas festas da Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro na Bahia.

¹⁶ Raimundo Arthur, foi outro dos personagens da cidade entrevistados para esta pesquisa, concedida em 19/09/2023.

eu pequena assistindo àquelas festas e o povo tocando prato. Edith ficava tocando. Tinha um Caboclo que ela recebia, quando ia embora que ela pegava o prato”.¹⁷

Apesar do sucesso, Dona Edith do Prato permaneceu vivendo na mesma casa, e na cidade onde nasceu e cresceu, muitos são os relatos dos santo-amarenses nascidos ou adotados, relatos pessoais afetivos e também artísticos, o quintal daquela modesta casa foi gestor de arte e grandes amizades.

Sobre suas memórias, Edith partilha em entrevista a um pequeno trecho do documentário - *Recôncavo na Palma da Mão* (1998): “Quando criança, brincava com as amigas da escola no quintal, brincava de samba”. Ela ainda conta que começou a tocar com a cuia de queijo a raspar com uma faca compondo ritmos sonoros.

A respeito do prato-e-faca, o conterrâneo e professor Raimundo Artur disse que muitos em Santo Amaro tocavam nas rodas de samba, prática que os baianos levaram também a outros estados, mas tudo ganhou projeção nacional quando Edith passou a ser convidada para cantar e tocar, convite primeiro do cantor e compositor Roberto Mendes e posteriormente com a gravação a convite de Caetano Veloso de duas canções do álbum concertista e revolucionário “*Araçá Azul*”.

O mágico é perceber que a arte da menina que cresceu e viveu toda a sua vida no Recôncavo Baiano, inspirou gerações diferentes de pessoas, músicos e poetas. Uma dessas é Mariene de Castro, que ao interpretar a canção: “*Abre Caminho*”, composição de J. Velloso e Roque Ferreira, “Andei lá no Gantois andei / No samba de Edith / Andei lá no tororó / Andei no cortejo do Bonfim / Andei, andei, andei lá / Na festa do Divino / Cantei pro menino, me Abençoar / Inda vou caminhar”.

Mariene de Castro, soteropolitana de nascença, conheceu Dona Edith do Prato através de J. Velloso, amigo, artista, conterrâneo e vizinho de Sambuio, ambos foram responsáveis pela produção do primeiro e único disco da carreira de Edith e as Vozes da Purificação, grupo de senhoras amigas de uma vida inteira. “*Nós tivemos uma relação muito próxima e íntima musical... ensinou-me a tocar prato e me disse que quanto mais antigo, mais gasto o prato melhor a sonoridade.*” A cantora ainda relata momentos cômicos como a proibição, no aeroporto, de levar a faca usada para tocar o que deixava Dona Edith desconcertada quando precisava viajar para apresentações, e também partilha comovida das debilidades físicas e

¹⁷ Depoimento de Mabel Velloso, uma das irmãs de Caetano e Bethânea, Ver: <https://www.bnews.com.br/noticias/cultura>

fonológicas causados por acidente vascular cerebral na qual Sambuio foi acometida, no final de sua carreira.¹⁸

Segundo conta Rodrigo Velloso, o então Ministro da Cultura Gilberto Gil procurava-a em busca de aconselhamentos. *“Ela era de suma importância como contributo para o Samba de Roda.”* Dos sete filhos do casal Sambuio, apenas uma ainda é viva, Dona Elza, atualmente com 101 anos, talvez a mais velha entre os moradores do Lar de idosos São Domingos em Santo Amaro, ela compartilha também as suas memórias afetivas ao lado de seus irmãos.¹⁹ Comovida, conta que sentia muitas saudades da época de sua mãe ainda viva, de seus irmãos, mas especialmente de Nicinha e Edith, que foram companheiras de toda uma vida, lembra-se das festas que aconteciam todos os anos e dos atendimentos de “Sultão das Matas” que ocorriam semanalmente, e atendia várias pessoas.

Demonstra compreensão da aparência facial sisuda de sua irmã quando incorporada e de “Janaina” que era meiga, fala do valor simbólico dos atendimentos. Dona Elza cita a musicalidade compartilhada entre as duas irmãs, de um lado ela com sua voz nos variados corais da cidade, Edith com o Samba de Roda e Nicinha com seu especial talento para a Música Sacra executados nos órgãos e teclados das Igrejas de Santo Amaro.

Dona Edith não investiu muito em sua carreira, e nem tinha a intenção de enriquecer, dizem aos mais próximos, *como frisou Rodrigo Velloso, sua paixão era divulgar a tradição musical da Bahia, e sua perda foi muito sentida por todos, especialmente os familiares, amigos e artistas conterrâneos.*

A canção “Saudade Dela” - 2009, composição de Nizaldo Costa e Roberto Mendes é uma homenagem à Dona Edith do Prato, interpretada na voz de Maria Bethânia: “Ai, ai saudade / Saudade dela / Ela se foi saudade / Fiquei sem ela [...] / Fonte de sabedoria / Onde tudo podia achar / Todo canto matriz / Da gente do meu lugar [...] / Foram tantas alegrias / Servidas naquele prato / Mistura de amor e poesia”.²⁰

No sepultamento de Edith do Prato Caetano Velloso em entrevista ao jornal A Defesa fala do presente de sua carreira, *“Edith viveu 94 anos, sempre foi alegre e gostava muito das coisas da vida. Para olhar-se no espelho e conferir se a roupa estava boa para ir à praça numa*

¹⁸ Ver: Entrevista de Mariene de Castro sobre Dona Edith do Prato/ disponível em: <https://youtu.be/d1F2RPoAC3c?si=B78z08xTUXPuFq-e>

¹⁹ Entrevistei Dona Elza Souza Oliveira no dia 12 de setembro de 2023.

²⁰ Disponível: <https://www.lettras.mus.br/maria-bethania>

noite de novena, ela percutia com os lábios uma batida de samba e dava uma dançadinha, batendo com as mãos nos quadris”²¹.

No contexto da pandemia, Caetano Veloso, um dos mais célebres alunos de Sambuio, reuniu seus filhos para uma live show, e como bom aluno ensinou o que aprendeu aos seus filhos.

Na apresentação o filho primogênito de Caetano, também aluno de Dona Edith, Moreno Velloso ao cantar samba de roda utilizou um prato e uma faca para compor ritmos, movimentos este que escancarou a ignorância musical de grandes meios de comunicação, “foi mote para revelar novamente a ignorância do jornalismo cultural do sudeste frente à diversidade imensidão da cultura negra do nordeste. A Rolling Stone, em matéria não assinada, definiu a cena como “momento cômico e ilustrado”. Em outro texto não assinado, a Folha de S. Paulo comentou que o prato-e-faca reforçou o estilo caseiro da live”. Após polêmicas e reportagens, artistas e sambistas como o próprio Caetano Veloso, Roberto Mendes, Belo Velloso entre outros reagiram como aponta o site “Volume morto”. Em contrapartida, graças a reação e até o alcance da live, muitos se sentiram no dever de conhecer mais sobre a “professora” Edith do Prato e sobre a própria história do prato-e-faca como instrumento de vanguarda e tecnologia sonora à frente das convenções sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o Samba de Roda é uma escola, pode-se afirmar que uma das suas maiores mestras foi Dona Edith Prato, que compartilhou saberes do Recôncavo com várias gerações e continua a inspirar novas gerações, mesmo a mais de uma década de seu falecimento. Apesar do samba de roda ter sido reconhecido como Patrimônio da Humanidade, persiste no país um desconhecimento a respeito de tradições genuinamente afro-brasileiras, o que leva à relativização do prato-e-faca.

É preciso redescobrir o valor cultural e pedagógico do samba de roda, é necessário voltarmos aos quintais para beber dessa fonte, onde tudo começou e ainda onde tudo permanece, levar às escolas a música e a cultura desses quintais às escolas é um desafio para as novas gerações, na perspectiva de construção de uma educação libertadora e popular, para resistir às

²¹ Depoimento de Caetano Veloso, no Jornal de Santo Amaro, *A Defesa*, Nº10 / terceira fase/ janeiro de 2009, p. 04. Localizado no Centro de Referência de Santo Amaro. Localizei também outros dois periódicos que noticiaram o falecimento de Dona Edith do Prato, *A Tarde* - Caderno 2 e *Correio*, ambos de Salvador, de 10 de janeiro de 2009.

tentativas de apagamento da memória e de nossas matrizes negro-africanas, femininas e periféricas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004a.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004b.
- BENEDETTI, A.C. **Narrativas insurgentes: a história sob o ponto de vista quilombola**. *História oral*, v.25, n.2, p.85-102, jul./dez, 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CARNEIRO, Edison. **Folgedos tradicionais**. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1982.
- DELGADO, Lucilia Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DÖRING, Katharina. Dona Nicinha de Santo Amaro e Dona Zelita de Saubara: matriarcas negras do Recôncavo Baiano In: SANTANNA, Marilda. (Org.). *As bambas do samba: mulher e poder na roda*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – FGV, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- IPHAN. **Samba de rodo do recôncavo baiano**. Brasília-DF: Iphan, 2006.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- LOPOS, Nei. SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Khoury. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PAIM, Zilda. **Relicário Popular**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1999. 274 p.: il. - (coleção Apoio,42).
- SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginadas**. São Paulo: Edusp, 1995.

SOUSA, F. R.; LIMA, L. M. G. **História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível.** História oral, v. 25, n.2, p. 135-152, jul./dez. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** 2004, 344 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz. **História da Educação na Bahia: recortes e aproximações sobre a constituição do campo.** In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho (Org.). História da Educação no Nordeste Brasileiro. Fortaleza: UFC Edições, 2006b.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação.** In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM. (Orgs). Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59 – 74.

THOMPSON, E. Palmer. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Orgs.). **História falada: memória, rede e mudança social.** São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VELLOSO, Mônica P. **As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, V.3, n°6, 1990.